

Representante especial da ONU viaja entre a Ponta Vermelha e a Gorongosa

O representante especial da ONU em Moçambique, Aldo Ajello, anunciou sábado ter-se deslocado à Maringué, na Gorongosa (centro do País), a fim de se encontrar com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama.

No habitual «briefing» das sexta-feiras com a Comunicação Social em Maputo, Aldo Ajello indicou que a sua ida a base central da Renamo se destinava a «facilitar» o encontro previsto entre Dhlakama e o presidente moçambicano,

Joaquim Chissano.

Recorda-se que o encontro chegou a ter data marcada para 17 do corrente mês, mas os desentendimentos entre o Governo e a Renamo sobre a agenda da reunião impediram a sua concretização.

O representante da ONU dialogou penúltimo sábado com o chefe de Estado moçambicano sobre o perspectivado encontro entre os dois signatários do Acordo Geral de Paz, mas nada transpirou dessa breve reunião.

As reivindicações da Renamo relativas a lugares na administração local e provincial de Moçambique, somaram-se nos últimos dias, os ataques efectuados pelo Exército governamental a três bases da Renamo na Província de Tete.

As autoridades moçambicanas, que admitiram ter atacado aquelas bases, indicaram que elas tinham sido criadas pela Renamo, depois dos Acordos de Paz, em violação do cessar-fogo.

O representante das Nações Unidas reconheceu que duas das três bases tinham sido objecto de notificação por parte do Governo na Comissão de Cessar-Fogo (Ccf), mas rejeitou que a acusação governamental de «lentidão», na investigação das notifi-

(cont. na pag. 23)

cações de violação ao cessar-fogo.

«Penso que não era a coisa certa para fazer», declarou Ajello, a propósito dos ataques, acrescentando que os observadores da Onumoz precisam de tempo para investigar os casos de litígio.

«Não posso dizer à Renamo para se ir embora com base em alegações, mas com base em provas», frisou.

É de sublinhar que uma equipa de observadores da ONU, acompanhada por representantes do Governo e da Renamo, partiu quinta-feira para Tete, devendo apresentar as conclusões o mais tardar até terça-feira, segundo ficou decidido numa reunião da Ccf realizada no mesmo dia.

«A questão da administração é a razão destes problemas», afirmou no «briefing» Aldo Ajello, acrescentando que vê na «desconfiança» entre o Governo e a Renamo a razão do impasse no processo de paz moçambicano.

O representante das Nações Unidas reafirmou ainda que a partilha da administração pretendida pelo movimento de Dhlakama «não está no acordo actual» e que é uma questão entre as duas partes intervenientes que teria de lhe ser acrescentada.

Ajello defendeu-se das acusações de que a constante ida de diplomatas estrangeiros à Maringué para se encontrarem com Afonso Dhlakama, encorajam o líder da Renamo a não ir para Maputo.

O ministro do Trabalho moçambicano, Teodoto Hunguana, declarou segundo o boletim «Mediafax» de sexta-feira, que «as idas regulares de dignatários estrangeiros a Maringué e outros pontos, para encontros com Dhlakama, estão a ter efeito contrário do proclamado».

«Os que falam com o líder da oposição armada pensam que isso pode acelerar o processo de paz. Outros pensam que indo a Maringué o encorajem a ficar. Para nós não há maneira de evitar ir a Maringué», declarou Ajello.

DHLAKAMA ANUNCIA ENCONTRO COM JOAQUIM CHISSANO

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, anunciou que o seu planeado encontro com o presidente moçambicano Joaquim Chissano terá lugar «nos primeiros dias de Agosto próximo».

Em declarações à «Voz da América», citadas pelo correspondente em Washington do Jornal «Notícias» de Maputo, o chefe da Renamo indicou ter retirado a exigência de o encontro só se realizar depois de ter sido previamente acordada a agenda.

O embaixador de Portugal em Moçambique, Lopes da Costa, foi criticado por Dhlakama nas declarações à «Voz da América» por, segundo ele, ter dito que as questões levantadas pela Renamo não deviam ter sido apresentadas na Imprensa, mas nas comissões previstas pelo Acordo Geral de Paz.

O encontro entre o líder da Resistência Moçambicana e presidente Chissano chegou a ser marcado para 17 de Julho, mas na preparação da reunião a Renamo fez saber pela Imprensa que queria que elementos seus fossem nomeados pelo presidente moçambicano governadores provinciais e estives-

sem representados no Ministério do Interior e na Polícia.

A partilha do poder entre a Renamo e a Frelimo, que detem todos os postos da administração central e local, foi considerada sexta-feira pelo representante da ONU em Moçambique Aldo Ajello como uma questão que não está completada no Acordo de Paz de Roma.

Contudo, a data exacta do encontro entre Dhlakama e Chissano está dependente do regresso a Maputo do presidente moçambicano, que se encontra em visita de trabalho ao norte do País, indicou o líder da oposição armada. «Vou lá (a Maputo) sem uma agenda específica, mas vou querer que o presidente Chissano discuta seriamente comigo, para conseguirmos desbloquear os problemas que existem», declarou o líder da Renamo.

Dhlakama afirmou já ter declarado a diplomatas estrangeiros, que o visitam com frequência na sua base principal em Maringué (Província de Sofala), «que não aceitaria mandar os meus homens para o acantonamento nem para a desmobilização sem que tenhamos garantias em relação à administração dos territórios» controlados pelo seu movimento.

O chefe da Renamo deu ainda conta da sua preocupação pela incompreensão da Comunidade Internacional em relação às posições do seu movimento.

«Escutei as declarações do embaixador português que esteve recentemente cá em Nampula, Nacala. Eu ouvi que ele estava a atacar a Renamo», afirmou.

«Ele disse que neste processo não se deve usar a Imprensa para resolver os problemas, pois existem comissões para se apresentarem (os mesmos) e também já passou o momento de os mediadores

resolverem a questão», acrescentou Dhlakama. «Eu não gostei nada, porque vi que era uma coisa parcial, o Governo português não está a agir de boa-fé», rematou o líder da Renamo.

Dhlakama, que efectuou nas duas últimas semanas um periplo pelas províncias do norte de Moçambique, anunciou que brevemente vai visitar as «zonas libertadas» da Renamo nas províncias de Gaza, Inhambane e Maputo, no sul do País.